

Introdução

Escrevi a minha obra, não como um ensaio para obter o aplauso do momento, mas como uma obra para durar para todo o sempre.

TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*

Nós estamos no topo do mundo e chegámos cá para aqui ficar para sempre. Há, naturalmente, uma coisa chamada história, mas a história é algo de desagradável que acontece aos outros povos.

ARNOLD TOYNBEE, recordando o jubileu de diamante da rainha Vitória em 1897

Como acontece com outros historiadores, perguntam-me muitas vezes quais são «as lições da história». Respondo que a única lição que aprendi com o estudo do passado foi que não há vencedores nem derrotados para sempre.

RAMACHANDRA GUHA

«**A**H, SE AO MENOS NÓS SOUBÉSSEMOS!» Foi o máximo que o então chanceler alemão teve para dizer. Mesmo quando pressionado por um colega, Theobald von Bethmann Hollweg não conseguiu explicar como é que as suas decisões e as de outros estadistas europeus tinham levado à guerra mais devastadora que o mundo conheceu até então. Quando, finalmente, a carnificina da I Guerra Mundial terminou em 1918, os principais intervenientes tinham perdido tudo aquilo por que haviam lutado: o Império Austro-Húngaro dissolveu-se, o *kaiser* alemão abdicou, o czar

russo foi destituído, a França sofreu os efeitos da guerra durante uma geração, e a Inglaterra foi despojada do seu tesouro e da sua juventude. E para quê? Se, ao menos, soubéssemos.

A frase de Bethmann Hollweg perseguiu o presidente dos Estados Unidos quase meio século mais tarde. Em 1962, John F. Kennedy tinha quarenta e cinco anos de idade e estava já no seu segundo mandato, mas continuava com dificuldade em compreender as suas responsabilidades como comandante-chefe. Sabia que ao alcance do seu dedo estava um botão que detonaria todo um arsenal nuclear, capaz de matar centenas de milhões de seres humanos numa questão de minutos. Mas para quê? Na altura, havia um *slogan* que declarava: «Antes morto do que vermelho». Kennedy rejeitou esta dicotomia não só por ser simplista, mas também por ser falsa. «O nosso objectivo», nas suas palavras, tinha de ser «não a paz à custa da liberdade, mas a paz e a liberdade». A questão era saber como ele e a sua administração poderiam atingir ambas.

Quando estava de férias na propriedade da família em Cape Cod no Verão de 1962, Kennedy deu consigo a ler *The Guns of August*, de Barbara Tuchman, um relato emocionante do início da guerra em 1914. Tuchman analisou os pensamentos e acções do *kaiser* Guilherme da Alemanha e do seu chanceler Bethmann Hollweg, do rei Jorge da Grã-Bretanha e do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Edward Grey, do czar Nicolau, do imperador austro-húngaro Francisco José e de outros protagonistas, enquanto, como sonâmbulos, se encaminhavam para o abismo. Tuchman defendeu a ideia de que nenhum destes homens compreendeu o perigo com que estava confrontado. Nenhum deles queria a guerra em que se envolveu. Se lhes fosse dada uma segunda oportunidade, nenhum deles repetiria as decisões que tomou. Reflectindo sobre as suas próprias responsabilidades, Kennedy prometeu a si próprio que, se alguma vez se visse confrontado com escolhas que pudessem fazer a diferença entre uma guerra catastrófica e a paz, conseguiria dar à história uma resposta melhor do que a de Bethmann Hollweg.

Kennedy não fazia a menor ideia do que se aproximava. Em Outubro de 1962, apenas dois meses depois de ele ter lido o livro de Tuchman, teve de enfrentar o líder soviético Nikita Khrushchev,

no conflito mais perigoso da história da Humanidade. A Crise dos Mísseis de Cuba teve início quando os Estados Unidos descobriram que os Soviéticos estavam a tentar instalar ogivas nucleares em Cuba, a menos de cento e cinquenta quilómetros da Florida. A situação escalou rapidamente de ameaças diplomáticas até um bloqueio da ilha por parte dos Americanos, à mobilização militar tanto nos Estados Unidos como na União Soviética e a conflitos mais graves, como o abate de um avião americano U-2 que andava a espiar Cuba. No auge da crise, que se manteve por treze dias de grande tensão, Kennedy confidenciou ao seu irmão Robert que acreditava que as probabilidades de o confronto terminar numa guerra nuclear eram de «um para três ou até de dois para dois». Desde então, os historiadores nunca descobriram outro caso com essas probabilidades.

Embora se apercebesse dos perigos da situação, Kennedy fez várias escolhas que sabia que *aumentavam* o risco de guerra, incluindo o de uma guerra nuclear. Decidiu confrontar Khrushchev publicamente (em vez de tentar resolver o problema em privado, através dos canais diplomáticos); traçar uma linha vermelha inequívoca, que obrigava a que os mísseis soviéticos fossem retirados (em vez de se dar a si próprio algum espaço de manobra); ameaçar desencadear ataques aéreos para destruir os mísseis (sabendo que isso desencadearia a retaliação dos Soviéticos contra Berlim); e, por fim, no penúltimo dia da crise, dar a Khrushchev um ultimato temporal (que, se fosse rejeitado, teria obrigado os Estados Unidos a darem o primeiro tiro).

Kennedy sabia que, com cada uma destas escolhas, estava a aumentar o risco de que futuros acontecimentos e decisões de outras pessoas para lá do seu controlo pudessem levar a que cidades americanas, incluindo Washington DC (onde a sua família se mantivera durante esta situação difícil) fossem destruídas por bombas nucleares. Por exemplo, quando Kennedy elevou o nível de alerta do arsenal nuclear americano para Defcon II, tornou as armas dos Estados Unidos menos vulneráveis a um ataque preventivo soviético, mas, ao mesmo tempo, aliviou uma série de passos de segurança no seu uso. No nível Defcon II, pilotos alemães e turcos ocuparam os seus lugares em bombardeiros da NATO equipados com armas

nucleares, a menos de duas horas de distância dos seus alvos na União Soviética. Como ainda não tinham sido inventados os botões electrónicos para as armas nucleares, não havia nenhuma barreira física nem técnica que impedisse um piloto de decidir voar até Moscovo, lançar uma bomba nuclear e iniciar a III Guerra Mundial.

Sem ter forma alguma de afastar esses «riscos incontrolláveis», Kennedy e o seu secretário da Defesa, Robert McNamara, estudaram a fundo os procedimentos organizacionais para minimizarem quaisquer acidentes ou erros. Apesar desses esforços, os historiadores identificaram mais de uma dezena de situações fora do controlo de Kennedy que, só por um triz, não iniciaram uma guerra. Por exemplo, uma acção anti-submarino dos Estados Unidos lançou explosivos à volta de submarinos soviéticos para os obrigar a subirem à superfície, o que levou um comandante soviético a convencer-se de que estava a ser atacado e a preparar-se para disparar os seus torpedos com ogivas nucleares.

Num outro incidente, a tripulação de um avião espião U-2 sobrevoou por engano a União Soviética, fazendo Khrushchev recear que Washington estivesse a refinar as coordenadas para um ataque nuclear de surpresa. Se alguma dessas acções tivesse desencadeado uma III Guerra Mundial nuclear, como iria JFK explicar que as suas decisões não tinham contribuído para que isso acontecesse? Será que ele conseguiria dar uma resposta melhor do que a que Bethmann Hollweg deu?

A complexidade da causalidade nas questões humanas tem sido alvo de grande controvérsia entre filósofos, juristas e sociólogos. Quando analisam o que esteve na origem das guerras, os historiadores centram-se principalmente nas causas próximas ou imediatas. No caso da I Guerra Mundial, estas causas incluem o assassinato do arquiduque dos Habsburgos Francisco Fernando, e a decisão do czar Nicolau II de mobilizar as forças russas contra as potências do Eixo. Se a Crise dos Mísseis de Cuba tivesse desencadeado uma guerra, as causas próximas podiam ter sido a decisão possível do comandante do submarino soviético de disparar os seus torpedos em vez de permitir que o submarino se afundasse ou a decisão errática de um piloto turco de despejar a sua carga nuclear sobre Moscovo.

As causas próximas da guerra são, sem dúvida, importantes. Mas o fundador da história acreditava que as causas mais óbvias da carnificina escondiam outras ainda mais significativas. Tucídides ensina-nos que, mais importantes do que as centelhas que originam a guerra, são os factores estruturais que estão na sua base: situações em que acontecimentos que, noutras condições, seriam resolvidos, podem escalar para níveis de gravidade imprevisíveis e ter consequências inimagináveis.

A Armadilha de Tucídides

Na citação mais frequentemente repetida no estudo das relações internacionais, o historiador da Grécia antiga Tucídides explicou que «Foi a ascensão de Atenas e o medo que isso incutiu a Esparta que tornaram a guerra inevitável.»

Tucídides referia-se à Guerra do Peloponeso, um conflito que devastou a sua pátria, a cidade-estado de Atenas, no século v a.C. e que, com o tempo, fez desaparecer quase por completo toda a Grécia Antiga. Tucídides, outrora soldado, viu Atenas desafiar a potência grega dominante na altura, a cidade-estado marcial de Esparta. Assistiu ao eclodir das hostilidades armadas entre as duas potências e descreveu detalhadamente os resultados horríveis dos combates em número de vítimas. Não viveu anos suficientes para assistir ao fim triste da guerra, quando Esparta, ainda que enfraquecida, venceu Atenas, mas, para ele, foi melhor assim.

Enquanto outros identificaram um vasto leque de causas que contribuiram para a Guerra do Peloponeso, Tucídides foi ao cerne da questão. Quando chamou a atenção para «a ascensão de Atenas e o medo que isso incutiu a Esparta», identificou a principal razão que está na génese de algumas das guerras mais catastróficas e enigmáticas da história. Pondo de parte as intenções, quando uma potência em ascensão ameaça ocupar o lugar de uma potência dominante, a tensão estrutural que daí resulta leva a que um confronto violento seja a regra e não a excepção. Foi o que aconteceu entre Atenas e Esparta no século v a.C. e entre a Alemanha e a Grã-Bretanha

há um século, e o que quase originou uma guerra entre a União Soviética e os Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960.

Como em muitos outros casos, Atenas acreditou que o seu avanço seria benéfico. Durante a metade de século que precedeu o conflito, Atenas tinha emergido como um símbolo de civilização. Filosofia, teatro, arquitectura, democracia, história e mestria naval — Atenas tinha tudo isso, ultrapassando tudo o que se vira até então. O seu rápido desenvolvimento começou a ameaçar Esparta, que se tinha habituado à sua posição de potência dominante no Peloponeso. À medida que a confiança e o orgulho dos Atenienses iam aumentando, também se iam reforçando as suas exigências de respeito e as suas expectativas de que fossem tomadas providências que reflectissem as novas realidades do poder. Segundo Tucídides, eram reacções naturais à mudança da sua posição. Como podiam os Atenienses não pensar e não esperar que os seus interesses merecessem mais consideração? Como podiam os Atenienses não esperar ter uma maior influência na resolução das diferenças?

Mas também era natural, explicou Tucídides, que os Espartanos vissem as reclamações dos Atenienses como insensatas e, até, ingratas. Quem, perguntavam os Espartanos no seu direito, criou o ambiente seguro que permitiu que Atenas florescesse? Enquanto Atenas ganhava uma consciência cada vez mais forte da sua própria importância e do seu direito a tomar parte nas decisões, Esparta reagiu com insegurança, medo e uma forte determinação em defender o *statu quo*.

Esta mesma dinâmica pode ser encontrada em vários outros contextos, até mesmo no contexto familiar. Quando a transformação de um adolescente num jovem adulto traz consigo a perspectiva de que ele venha a ofuscar o irmão mais velho (ou até mesmo o pai), o que devemos esperar? A distribuição dos quartos ou do espaço no roupeiro ou dos lugares à mesa deverão ser ajustados de forma a reflectir o seu tamanho relativo e também a sua idade? Entre as espécies dominadas pelos elementos alfa, como os gorilas, à medida que um potencial sucessor se vai tornando maior e mais forte, o líder da manada e o candidato a líder preparam-se para um confronto. No mundo dos negócios, quando tecnologias inovadoras permitem

que empresas emergentes como a Apple, a Google ou a Uber invadam rapidamente novos sectores, o resultado é muitas vezes uma concorrência dura que obriga as empresas estabelecidas no mercado, como a Hewlett-Packard, a Microsoft ou as companhias de táxis, a adaptarem os seus modelos de negócios — ou a morrerem.

A Armadilha de Tucídides refere-se à desordem natural e inevitável que ocorre quando uma potência em ascensão ameaça ocupar o lugar de uma potência dominante. Isto pode acontecer em qualquer esfera. Mas as suas implicações são mais perigosas a nível internacional. Porque, da mesma forma que o exemplo original da Armadilha de Tucídides resultou numa guerra que levou ao declínio da Grécia Antiga, este fenómeno obcecara a diplomacia nos milénios seguintes. Actualmente, colocou as duas maiores potências mundiais na senda de um cataclismo que ninguém quer, mas que elas próprias podem ser incapazes de evitar.

Será inevitável uma guerra entre os Estados Unidos e a China?

O mundo nunca assistiu a nada que se assemelhasse à mudança vertiginosa do equilíbrio do poder a nível mundial criada pela ascensão da China. Se os Estados Unidos fossem uma empresa, teriam representado cinquenta por cento do mercado económico mundial nos anos imediatamente a seguir à I Guerra Mundial. Por volta do ano 1980, essa percentagem tinha diminuído para vinte e dois por cento. Três décadas de crescimento da China em dois dígitos reduziram o peso dos Estados Unidos para dezasseis por cento actualmente. Se esta tendência se mantiver, a percentagem dos Estados Unidos na produção económica mundial continuará a diminuir nas próximas três décadas para apenas onze por cento. No mesmo período, a quota da China na economia global terá aumentado de dois por cento em 1980 para dezoito por cento em 2016, atingindo muito provavelmente trinta por cento em 2040.

O desenvolvimento económico da China está a transformá-la num adversário gigantesco em termos políticos e militares. Durante

a Guerra Fria, enquanto os Estados Unidos iam dando respostas atabalhoadas às provocações soviéticas, havia um cartaz no Pentágono que dizia: «Se alguma vez tivéssemos de enfrentar um verdadeiro inimigo, estaríamos em muito maus lençóis.» A China é um potencial verdadeiro inimigo.

A possibilidade de os Estados Unidos e a China entrarem em guerra parece tão improvável quanto imprudente para ambos os países. No entanto, o centenário da I Guerra Mundial lembrou-nos da capacidade do homem de cometer loucuras. Quando dizemos que a guerra é «inconcebível», estaremos a fazer uma afirmação sobre o que é possível no mundo — ou apenas sobre o que as nossas mentes limitadas conseguem conceber?

Pelo que nos é dado ver, a questão crucial da ordem global consiste hoje em saber se a China e os Estados Unidos conseguirão escapar à Armadilha de Tucídides. A maioria dos confrontos que se enquadram neste contexto acabou mal. Nos últimos quinhentos anos, houve dezasseis situações em que uma potência emergente ameaçou ocupar o lugar de uma potência dominante. Em doze desses dezasseis casos, o resultado foi a guerra. Os quatro casos que evitaram este desfecho conseguiram-no apenas à custa de grandes e dolorosos ajustamentos nas atitudes e acções de ambos os opositores.

Os Estados Unidos e a China também podem evitar a guerra, mas só se conseguirem interiorizar duas verdades difíceis. A primeira é que, continuando a trajetória actual, *uma guerra entre os Estados Unidos e a China nas próximas décadas não só é possível como é muito mais provável do que actualmente é admitido*. Aliás, a história mostra-nos que há sempre mais probabilidades de acontecer uma guerra do que de não acontecer. Além disso, ao subestimar o perigo, estamos a aumentar o risco. Se os dirigentes de Pequim e de Washington continuarem a fazer o que têm feito na última década, é quase certo que os Estados Unidos e a China vão entrar em guerra. A segunda verdade é que *a guerra não é inevitável*. A história prova-nos que grandes potências dominantes podem gerir as relações com as suas rivais, incluindo aquelas que ameaçam ultrapassá-las, sem desencadear uma guerra. O registo desses sucessos, e também dos

fracassos, é uma fonte de lições para os estadistas actuais. Como observou George Santayana, só os que não estudam a história é que estão condenados a repeti-la.

Os capítulos que se seguem descrevem as origens da Armadilha de Tucídides, analisam a sua dinâmica e explicam as suas implicações para a actual competição entre os Estados Unidos e a China. Na Parte I, é apresentada uma versão sucinta da ascensão da China. O crescimento da China é do conhecimento geral, mas são poucos os que se aperceberam da sua magnitude ou das suas consequências. Parafraseando o antigo presidente checo Vaclav Havel, esse crescimento foi tão rápido que ainda não tivemos tempo de nos espantarmos.

A Parte II situa alguns desenvolvimentos recentes nas relações Estados Unidos-China no cenário mais amplo da História. Isto não só nos ajuda a compreender alguns acontecimentos recentes como nos dá também algumas pistas sobre a tendência desses acontecimentos. A nossa análise estende-se por dois mil e quinhentos anos, até à altura em que o rápido crescimento de Atenas pôs em causa o domínio de uma Esparta marcial, originando a Guerra do Peloponeso. Alguns exemplos fundamentais dos últimos quinhentos anos também mostram de que forma a tensão entre potências emergentes e dominantes pode desequilibrar o tabuleiro de xadrez em direcção à guerra. A analogia mais próxima da situação actual — o desafio da Alemanha ao império dominante da Grã-Bretanha antes da I Guerra Mundial — deve fazer-nos parar para pensar.

Na Parte III perguntamos se as tendências actuais das relações entre a América e a China devem ser vistas como uma tempestade que se avizinha com as mesmas proporções. As notícias diárias dos meios de comunicação da China sobre o seu comportamento «determinado» e a sua recusa em aceitar uma «ordem internacional baseada em regras» estabelecidas pelos Estados Unidos após a II Guerra Mundial descrevem incidentes e acidentes que lembram os ocorridos em 1914. Ao mesmo tempo, há que ter algum comedimento na avaliação que fazemos, pois existem diferenças num dos protagonistas. Se a civilização e a história chinesas fossem as nossas, quando os Estados Unidos irromperam pelo século xx

cheios de confiança de que os cem anos seguintes seriam a era da América, a rivalidade seria ainda mais grave, e a guerra ainda mais difícil de evitar. Se a China tivesse realmente seguido a trajectória de ascensão hegemónica da América, poderíamos estar a assistir à imposição das exigências de Pequim por parte dos exércitos chineses desde a Mongólia até à Austrália, da mesma forma que Theodore Roosevelt moldou o «nosso hemisfério» e quis moldar o mundo aos seus desejos.

A China está a seguir uma trajectória diferente da que os Estados Unidos adoptaram durante o seu percurso até à liderança. Mas, em muitos aspectos da ascensão da China, ouvimos alguns ecos daquele. O que quer o presidente Xi Jinping em relação à China? Em poucas palavras: torná-la grande outra vez. O desejo mais profundo de mais de mil milhões de cidadãos chineses é tornar o seu país rico e também poderoso. O seu objectivo é que a China seja tão rica e tão poderosa que os outros países não tenham outra opção senão reconhecer os seus interesses e olhá-la com o respeito que merece. A dimensão e ambição deste «Sonho Chinês» devem desenganar-nos de qualquer ideia de que a competição entre a China e os Estados Unidos desaparecerá naturalmente, pois a China será um «interveniente responsável», especialmente se tivermos em conta aquilo que o meu antigo colega Sam Huntington apelidou de «choque das civilizações», uma divisão histórica em que os valores chineses e americanos, fundamentalmente diferentes, tornam a aproximação entre as duas potências ainda mais difícil.

Embora a resolução da actual rivalidade possa ser difícil de prever, um conflito armado pode parecer uma hipótese remota. Mas será assim? Na verdade, os caminhos que levam à guerra são mais variados e plausíveis (e até mais triviais) do que gostaríamos de acreditar. Desde os confrontos actuais no mar da China Meridional, no mar da China Oriental e no ciberespaço até um conflito comercial descontrolado, é assustadoramente fácil imaginar cenários em que soldados americanos e chineses se matam uns aos outros. Se bem que nenhum destes cenários pareça provável, quando nos lembramos das consequências acidentais do assassinio do arquiduque dos Habsburgos ou da aventura nuclear de Khrushchev em Cuba,

constatamos quão pequeno é o espaço que separa «improvável» de «impossível».

Na Parte IV abordaremos a razão pela qual a guerra *não* é inevitável. Os políticos e o público em geral têm maioritariamente uma atitude ingénua e complacente em relação à possibilidade de uma guerra. Pelo contrário, os fatalistas vêem uma força irresistível a aproximar-se rapidamente de um objecto inamovível. A razão não está em nenhum dos lados. Se os dirigentes de ambas as sociedades estudassem os sucessos e os fracassos do passado, encontrariam uma fonte imensa de pistas a partir das quais poderiam delinear uma estratégia que satisfizesse os interesses essenciais de cada uma das nações sem passar pela guerra.

O regresso à proeminência de uma civilização com cinco mil anos e mil e quatrocentos milhões de pessoas não é um problema que possa ser resolvido. É uma *condição* — uma condição que terá de ser incorporada no espaço de uma geração. O sucesso na gestão desse dado não reside apenas num novo *slogan* em cimeiras presidenciais mais frequentes ou em mais reuniões de grupos de trabalho de diferentes departamentos. Gerir esta relação sem que haja uma guerra exige uma atenção constante, semana após semana, por parte de ambos os governos. Exigirá uma profunda compreensão que não tornou a existir desde as conversações entre Henry Kissinger e Chou En Lai nos anos 1970.

Mais importante ainda, necessitará de mudanças mais radicais nas atitudes e acções dos dirigentes e do público em geral, que ninguém ainda desencadeou. Para escapar à Armadilha de Tucídides, temos de estar dispostos a pensar o impensável — e imaginar o inimaginável. Neste caso, evitar a Armadilha de Tucídides implicará nada menos do que dobrar o arco da história.